

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 36 — VOL. III.

Sabbado 10 de Setembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Arco triumphal de Bará — Considerações sobre um projecto de utilidade — Reggio — Oliver Goldsmith, continuação — A cidade de Vicencia — Arreb — Os dois bakales, continuação — O amor e o dever, continuação — Poissias: Sem titulo, Elogio ao rapé.
GRAVURAS: — Arco triumphal de Bará — Reggio — A cidade de Vicencia.

Historia da actualidade.

O governo prussiano trabalha activamente por alcançar a supremacia na confederação germanica. — Continuam com actividade os trabalhos da fortificação das costas do Baltico, e a construcção de algumas canhoneiras.

Corre noticia de que o papa, se vir ameaçado o seu poder temporal, restabelecerá, como meio de conciliação, a constituição de 1848.

O governo napolitano projecta formar uma legião estrangeira.

Diariamente toma mais consistencia em Paris o boato de que se vae reunir um congresso europeu.

N'esta hypothese dizem alguns jornaes hespanhoes que a Hespanha deve ser ahi representada para exigir a entrega de Gibraltar. E nós, os portuguezes, não deveremos exigir egualmente Olivença?

A proposta que declara a abolição do poder pontifical nas legações foi adoptada por unanimidade na assemblea de Bolonha.

Depois da adopção da dita proposta, apresentou-se outra para a annexação das ditas legações ao Piemonte, e foi approvada tambem.

O rei da Belgica vae a Biarritz, onde se encontra a familia imperial da França a banhos.

As noticias do congresso de Zurich são todas tão contradictorias, que realmente nada se sabe a tal respeito.

Os jornaes de Bayona dizem que o principe imperial da França, que apenas conta tres annos, já se exprime com muita facilidade, em francez, hespanhol, e alemão.

A primeira das medalhas que o governo francez mandou cunhar em commemoração da campanha de Italia, foi enviada ao rei Victor Manuel, como homenagem ao primeiro soldado da independencia italiana.

Sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v agraciou com a commenda de Christo a D. Cassiano de Prado, hespanhol, em premio dos seus tra-

balhos geologicos, a que sua magestade dá grande apreço.

Este anno houve notavel augmento nos navios empregados na caça da phoca, tanto inglezes como anglo-americanos. De ha dez annos para cá esta industria tem tomado grandes proporções. Ha um anno empregaram-se n'ella trezentos sessenta e sete navios, e mataram-se trezentas mil phocas, que produziram em pelles e azeite mais de sete milhões de francos.

No dia 30 d'Agosto, ás seis horas da manhã, se notificou a sentença de garrote, em Badajoz, a dois sargentos e dois paisanos, involvidos na conspiração de D. Xisto Camara, e no 1.º do corrente pelas sete horas e meia foram justicados no campo de S. Domingos.

Em seis do corrente foi enterrada na valla do nosso cemiterio dos Prazeres, uma mulher de idade de cento e quatro annos, por nome Leonor da Silva. Escapou ao terremoto de 1755, ás duas invasões da colera de 1833 e 1856, á febre amarella, etc. etc. Viu todos os reinados e governos desde o de D. José I até ao do senhor D. Pedro V; isto é, quatro reinados, e duas regencias.

O nosso telegrapho electrico rendeu no mez d'Agosto 3:018\$522 réis.

O novo governador civil do Porto, o senhor visconde de Gouveia, tomou posse do seu cargo na presente semana.

O *Diario do Governo* publicou um decreto mandando organizar o registro civil a par do registro parochial.

O digno par José Maria Eugenio d'Almeida demittiu-se de vogal da commissão das pautas, e foi nomeado para o substituir o senhor Joaquim Henriques Fradesso da Silveira.

Na secretaria das obras publicas vae crear-se uma repartição de estatistica, para a qual se diz que será nomeado chefe, o senhor Carlos José Caldeira, já conhecido na imprensa pelos seus escriptos.

O balancete do banco mercantil do Porto dá a este estabelecimento a gerencia de 2:068:116\$960 réis no decurso d'Agosto findo.

O vapor D. Maria II, que pertenceu a malfadada companhia luso-brazileira, foi vendido á casa Burnay, d'esta praça, pela quantia de trinta e dois contos de réis. Tinha custado para cima de trezentos contos!

O rendimento da alfandega grande de Lisboa, desde um até nove do corrente foi de 71:179\$922 réis.

A subscrição em favor dos habitantes des-

validos das ilhas dos Açores, monta já a 3:818\$923 réis.

No dia 28 do futuro mez de Outubro hade haver no rocio de Leiria uma exposição de gado cavallar, muar, asinino, bovino, ovino, e suino.

Na cidade da Guarda o estado sanitario, por causa da irregularidade do tempo, não é bom.

Um medico francez, o doutor Cony, acaba de tentar uma excursão entre as ferozes tribus da Africa central, e para honra da sciencia se espera que esta exploração seja felizmente levada a cabo.

O senado de Bruxellas approvou por grande maioria o projecto de fortificação de Ambers.

Falla-se de uma nova entrevista dos imperadores de França e da Austria.

A totalidade das embarcações de guerra de todos os lotes que a Inglaterra possui, é de trezentos quarenta e seis vasos. Quanto ao pessoal, além das tripulações em serviço activo, ha na Inglaterra quadros de reserva de quarenta e dois mil marinheiros.

Falleceu o imperador de Marrocos, e apparecem já quatro pretendentes ao throno d'aquelle imperio.

A Hespanha, por causa dos moiros de Riff, declara guerra a Marrocos, e para isso prepara uma expedição.

Corre noticia de que os referidos moiros assassinaram os consules hespanhol, francez, e inglez.

Por este motivo diz-se que se preparam alguns vapores nossos, que se dirigirão áquellas aguas.

Arco triumphal de Bará.

Este curioso monumento ergue-se na Catalunha, a tres leguas da cidade de Tarragona, caminho de Barcelona. Apesar de algumas injurias do tempo, é uma das antigualhas mais bem conservadas, que ha na Hespanha.

A sua architectura, singela, mas bem proporcionada e elegante; e o primor d'esculptura, que os capiteis das suas quatro pilastras corinthias ainda deixam ver, fazem do arco de Bará um objecto de arte digno de apreço, e de estudo.

Como monumento da antiguidade não é menos interessante. A sua fundação não está ligada, e certo, ao nome de um imperador, ou de algum illustre general; nem mesmo commemora victorias, ou qualquer feito glorioso; porém ainda assim despido dos grandes atavios historicos, que

dão aos monumentos nobreza e celebridade, é um padrão, que recorda a existência de um povo grande, como eram os romanos, e as passadas grandezas de uma cidade, como foi Tarragona sob o dominio de Roma.

O arco de Bará é construido de pedra de cantaria, e, segundo uma inscripção, que tem no friso, cujos caracteres se acham hoje em parte apagados, parece que foi erigido no reinado do imperador Trajano, por disposição testamentaria de Licinio Sura, da tribu de Sergia, e filho de Lucio.

Florez copiou esta inscripção na sua *Espanha Sagrada* do modo seguinte:

*Ex Testamento. L. Licini. L. F.
Serg. Surae Consecratum.*

Este Licinio foi consul tres vezes.

I. DE VILHENA BARBOSA

Considerações sobre um projecto de utilidade.

O espirito de caridade, desinvoltado pela associação para melhorar a sorte do povo, tem sido desde 1834 e continuará a ser entre nós o desideratum do progresso. Montes de piedade para socorrer os associados em suas enfermidades, ou para minorar os soffrimentos das familias dos que morrem; asylos creados e mantidos á custa do publico, para recolher e sustentar os individuos, que a velhice ou as enfermidades impossibilitaram de trabalhar; asylos igualmente costeados pelo publico, aonde se ministra o pão do corpo e do espirito á infancia desvalida; escolas primarias mantidas a expensas do chefe do estado, aonde, a par da instrucção e livros dados a todos, se tem distribuido dinheiro e fato aos alumnos mais necessitados; companhias para explorarem diversos melhoramentos materiaes, em que se occupam milhares de braços; tudo, enfim, attesta a verdade da nossa proposição.

A associação, assegurando o bem estar material d'aquelles que beneficia, concorre poderosamente para o progressivo desinvoltamento da sociedade; promove o amor do trabalho; e aperta cada vez mais o laço que liga os homens moralmente, convidando-os a ajudar-se e a amar-se mutuamente, segundo os preceitos do Evangelho.

A sociedade progride, pois, apesar dos que a julgam em retrocesso ou estacionaria. Mas o progresso, para ser proficuo, carece de ser guiado pelos governos e pelos particulares illustrados, que devem esmerar-se em preparar a mocidade, para esta caminhar ávante com passos seguros; fornecendo-lhe os meios mais adequados para lhe desinvolver as facultades, e estabelecendo, pelo exemplo, preceitos de moralidade, sem o que o homem não pode ser util nem a si nem aos seus concidadãos.

Um povo, em que a maioria dos individuos não tem os meios indispensaveis para o seu bem estar material, poderá ser tudo o que quizerem; mas nunca um povo instruido, verdadeiramente religioso e moralizado: a carencia de meios entibia os instinctos e as facultades populares, assim como a falta de chuvas, na estação competente, torna estereis os melhores prados. Por fortuna podemos dizer que Portugal não se acha n'um tal estado d'abatimento; mas devemos confessar que o povo se acha ainda bastante atrasado. A quem isto seja devido todos o sabem. Pode dizer-se, sem espirito d'offensa, que a culpa recae sobre todos os governos, que se tem succedido; e quando sempre de leve dos verdadeiros melhoramentos de que o paiz tem urgente necessidade, e votando a quasi completo abandono um povo digno de melhor sorte, ao qual só lhe tem faltado quem o dirija pela verdadeira senda do progresso.

Voltando ao nosso proposito, diremos que os particulares, com quem a fortuna não foi avara em ministrar-lhes riquezas, os capitalistas, associando-se para actos de beneficencia, ou promptificando os seus capitales, mediante um juro razoavel, para os governos ou individuos idoneos le-

varem a effeito melhoramentos de reconhecida utilidade, são os *protectores natos do progresso*. Já se vê que recusamos este titulo honroso aquelles que afeerrolham o dinheiro, porque isto equivale a aniquilar os beneficios que elle produziria se fosse lançado na circulação, que e o principio vital das sociedades; e tambem o recusamos aquelles que só abrem seus cofres, para, pela usura, sugarem o sangue do corpo social.

O que fica adduzido, filho d'uma idéa sobre que temos meditado, leva-nos ao commettimento de pedir aos capitalistas, verdadeiramente portuguezes, que se associem para levar a cabo um melhoramento publico da mais alta utilidade, do qual poderão colher grande gloria, ao passo que o capital necessario para a empresa deve produzir o juro de seis por cento. Ainda mais, a empresa pode ser levada a effeito sem o nosso auxilio, á vista do projecto, que fizemos sem que ninguem nol-o encomendasse. Mas talvez nos alcunhem d'utopista quando no fim de tudo lhes dissermos que a empresa deve consistir em levantar, desde a base, um edificio com as convenientes commodidades para n'elle se estabelecer um *collegio modelo*, aonde aos alumnos se ensinem as materias necessarias para seguirem com proveito qualquer dos ramos de commercio das sociedades modernas. Os individuos que, associando-se, levarem ávante tal pensamento farão importante serviço ao paiz; pois que não possuímos um collegio (*) como aquelle que temos a honra de propor; não pela falta de vontade dos fundadores dos collegios actualmente estabelecidos; mas pelas grandes despezas que um estabelecimento de certa ordem demanda, já para remunerar condignamente os professores e os mais empregados, já para adquirir os appparelhos, modelos e mais objectos auxiliares do ensino. Estamos ao facto do projecto e por isso vamos entrar em detalhes, começando pelo

EDIFICIO.

O edificio para o *collegio modelo* deverá ter os seguintes repartimentos: nove aulas, que deverão tambem servir de salas d'estudo; uma capella, com um oratorio, a qual tambem deve servir de sala d'actos; uma galeria para arrecadar os instrumentos, modelos, mappas e mais objectos auxiliares do ensino; um pequeno laboratorio de chymica; seis dormitorios; um refeitório; uma enfermaria; uma casa para banhos; outra para o director; tres para os professores de linguas; uma para a governante e criadas; outra para os criados; outra para servir de armazem; uma cozinha; e uma copa.

A construcção d'um tal edificio, segundo o risco e o orçamento provavel que o nosso amigo e collega o senhor Angelino da Cruz Silva e Castro teve a bondade de fazer, deve importar em cincoenta contos de réis. Calculamos seis contos para obter appparelhos de physica, chymica, nautica, topographia, e mappas, modelos, etc.; e, enfim, quatro contos para comprar a mobilia, bem como todos os mais objectos d'uso ordinario. Ao todo são necessarios sessenta contos de réis, que a seis por cento devem render tres contos seiscentos mil réis.

QUADRO DAS DOUTRINAS QUE SE DEVEM ENSINAR NO COLLEGIO MODELO.

Cadeiras	Doutrinas
1. ^a	Caligraphia, leitura e pratica das operações fundamentaes d'arithmetica.

(*) Só conhecemos um estabelecimento do estado — o collegio militar — e com pequenas alterações e mais alguma despeza poderia ser convertido n'um collegio como o que temos em mente. Mas para o collegio militar preencher esse fim utilitario seria necessario alocar o n'um edificio (levantado desde os fundamentos) em Lisboa ou em qualquer outro centro de população; porque só assim poderia fazer serviços importantes á instrucção, os quaes estaria inhibido de prestar em quanto se não perder a mania de ter um tal estabelecimento em qualquer edificio, mais ou menos amplo e sempre deficiente, e além d'isto situado em qualquer aldea, aonde a concorrência dos alumnos externos é nulla.

2. ^a	Desenho linear, de figura e de paizagem.
3. ^a	Desenho de perspectiva, d'architectura e de topographia.
4. ^a	Inglez.
5. ^a	Alémão.
6. ^a	Francez.
7. ^a	Latim.
8. ^a	Geographia e historia.
9. ^a	Philosophia e litteratura.
10. ^a	Principios de mathematica.
11. ^a	Principios de physica, de chymica e de historia natural.
12. ^a	Principios de commercio e de economia politica.
13. ^a	Principios de navegação e de pilotagem.

Para o ensino d'estas doutrinas haverão, pelo menos, dezeseite professores: quatro para a primeira, segunda e terceira cadeiras; quatro para a quarta, quinta e sexta; quatro para a setima, oitava e nona; e cinco para a decima, decima-primeira, decima-segunda e decima-terceira. O professor que vae a mais em cada uma d'estas secções é destinado a supprir as faltas motivadas, e a presidir ao estudo das materias da sua competência.

DO PESSOAL.

O pessoal do collegio modelo deverá compôr-se dos seguintes empregados: um director fiscal dos estudos; dezeseite professores; um guarda-livros; uma governante; um capellão; um cirurgião; um mestre de musica; um mestre de dança; um mestre de gymnastica; um preparador de physica e chymica; doze perfeitos; um enfermeiro; um continuo; um fiel comprador-dispenseiro; um porteiro; um carreiro; uma cozinheira e duas ajudantas de cozinha; uma copeira e uma ajudanta da copa; seis criadas; e dez criados.

O director fiscal dos estudos deve ser um individuo illustrado de reconhecida probidade; a falta d'este poderá ser preenchida por qualquer dos professores, que em tal caso deve ter metade da gratificação arbitrada aquelle empregado. Os professores, os mestres, o guarda-livros, etc., devem ser individuos competentemente habilitados e de boa conducta. A governante deve ser uma senhora de quarenta annos ou mais, na qual se dêem todos os requisitos necessarios para ser uma boa dona de casa; porque ella deverá ter sob a sua immediata inspecção a guarda-roupa, a cozinha, a copa, e o arranjo interno dos dormitorios. Os perfeitos, enfim, devem ser individuos morigerados e de boas maneiras, e que tenham conhecimento de algumas das doutrinas ensinadas no collegio.

RECEITA.

Afigura-se-nos que deverá ser grande a affluencia de alumnos n'um collegio em que se devem ensinar com esmero tantas e tão variadas doutrinas, algumas das quaes, ainda que imperiosamente necessarias, como a pilotagem, não nos consta se ensinem regularmente em parte alguma. Não nos parece exaggerado suppôr que o collegio terá duzentos alumnos internos, e que ao ensino concorrerão mais cem alumnos externos: é esta hypothese provavel que nos vae servir de base aos nossos calculos.

O collegio deve fornecer instrucção, sustento, barras, enxergões e cobertas aos alumnos internos, bem como se deve incumbir de lhes mandar lavar a roupa. Cada alumno interno, a razão de 125000 réis por mez, deve pagar annualmente 1445000 réis. Os duzentos alumnos devem pagar, pois, annualmente 28:8005000 réis. E cada alumno externo, a razão de 35000 réis mensaes, durante o tempo lectivo, isto é, desde o 1.^o d'Outubro de um anno até 31 de Julho do anno seguinte, deverá contribuir com 305000 réis, e, por consequente, o rendimento dos cem alumnos deve ser de 3:0005000 réis. Assim a receita mais que provavel do collegio deverá subir a 31:8005000 réis.

DESPEZA

Designação	Ordenados e despesas mensaes	Rações	Despeza mensal	Despeza annual	Observações
1 Director fiscal dos estudos.....	30\$000	12\$000	42\$000	504\$000	As tres rações são destinadas aos professores de linguas.
17 Professores a 30\$000 réis.....	510\$000	36\$000	546\$000	6.552\$000	
1 Guarda-livros.....	30\$000	—\$—	30\$000	360\$000	
1 Governante.....	12\$000	12\$000	24\$000	288\$000	
1 Capellão.....	20\$000	—\$—	20\$000	240\$000	
1 Cirurgião.....	18\$000	—\$—	18\$000	216\$000	
1 Mestre de musica.....	18\$000	—\$—	18\$000	216\$000	
1 Mestre de dança.....	18\$000	—\$—	18\$000	216\$000	
1 Mestre de gymnastica.....	18\$000	—\$—	18\$000	216\$000	
1 Preparador de physica e chymica.....	18\$000	4\$800	22\$800	273\$600	
12 Perfeitos a 12\$000 réis.....	144\$000	37\$600	201\$600	2.419\$200	
1 Enfermeiro.....	10\$000	4\$800	14\$800	177\$600	
1 Continuo.....	10\$000	4\$800	14\$800	177\$600	
1 Fiel comprador-dispenseiro.....	10\$000	4\$800	14\$800	177\$600	
1 Porteiro.....	4\$800	4\$800	9\$600	115\$200	
1 Carreiro.....	4\$800	4\$800	9\$600	115\$200	
1 Cozinheira.....	4\$800	4\$800	9\$600	115\$200	
2 Ajudantes de cozinha a 2\$400 réis.....	4\$800	9\$600	14\$400	172\$800	
1 Copeira.....	4\$800	4\$800	9\$600	115\$200	
1 Ajudante da copa.....	2\$400	4\$800	7\$200	86\$400	
6 Criadas e 10 criados a 2\$400 réis.....	38\$400	76\$800	115\$200	1.382\$400	
Para entretenimento da mobilia.....	12\$000	—\$—	12\$000	144\$000	
Lavagem de roupa a seis réis diários por cada alumno	36\$000	—\$—	36\$000	432\$000	
Iluminação.....	24\$000	—\$—	24\$000	288\$000	
Sustento de 200 alumnos a 200 réis por dia.....	1.200\$000	—\$—	1.200\$000	13.200\$000	
Somma.....			2.450\$000	28.200\$000	Só calculamos a despeza para 11 mezes, por ser provavel sairem a ferias metade dos alumnos.

SALDO.

Vê-se, pois, que subtrahindo da receita annual 31.800\$000 rs., a despeza total annual 28.200\$000 rs se obtem 3.600\$000 réis. Este saldo representa, como dissemos, o juro de seis por cento dos 60.000\$000 réis necessários para construir e mobilar o edificio.

PEDIDOS.

Aos capitalistas, que, porventura, levarem ávante esta empresa, pedimos em paga d'este pequeno trabalho: 1.º que recebam no collegio gratuitamente quatro alumnos dos mais distinctos das escolas da infancia desvalida, dando-lhes depois de educados os destinos para os quaes se conhecer que elles tem vocação; 2.º que offereçam ao governo as aulas do collegio para serem frequentadas gratuitamente por trinta sargentos do exercito, visto que estes não podem adquirir nas provincias os conhecimentos que hoje se exigem para entrar na escola polytechnica (*).

Luz, 9 de Setembro de 1859.

JOAQUIM RODRIGUES GUEDES.

Reggio.

Reggio, cidade hoje pouco importante do reino de Nápoles, é, no dizer de alguns conscienciosos viajantes, o paraizo da provincia de Calabria, da qual é capital.

Abrigada sob um ceo limpo e azul, banhada por um mar ainda mais limpo e mais azul, a ci-

(*) Em 1832, quando fomos empregado no collegio, tivemos a lembrança de que seria de grande utilidade para o exercito, e ao mesmo tempo uma medida equitativa crear, ao lado do collegio militar, uma companhia, commandada por um official instruido, e composta de sargentos, dois de cada corpo d'infanteria e cavallaria, aos quaes se permitisse frequentar, pelo menos, os principios de mathematica, e de sciencias naturaes.

Em 1853 redigimos esta nossa idéa, e mandámo-la para um jornal, aonde, não sabemos porque, nunca foi transcripta; mas agora esperamos que o será. A realisação d'esta idéa é de facil execução, e esperamos que um governo verdadeiramente illustrado a porá em pratica. E' este o desejo vehemente que temos de ver melhorada a sorte d'uma classe prestavel, a que tivemos a honra de pertencer.

dade está mollemente assentada junto ás altas e mattosas cristas do Aspromont. Defendida por ellas dos agrestes ventos que ali sopram, repouisa no meio de mil arvores fructíferas de diversas especies, embriagando-se com o perpetuo perfume das laranjeiras e limoeiros.

Apezar da sua magnifica posição, e da importancia que tem como capital de uma provincia, Reggio não pode merecer o titulo de formosa. Inquietada pelos continuos tremores de terra, e arruinada pelo de 1783, esta cidade não tem um edificio: mais de metade das casas conserva-se em ruinas, e as que existem de pe, estão todas fendidas a ponto de aneagarem desabamento. As ruas acham-se tambem arruinadas, e apenas ha uma — a Marina, em bom estado de conservação, porque é posterior ao abalo de terra de que fallámos.

O nome de Reggio acha-se nas primeiras chronicas da Grande-Grecia, o que attesta a sua antiga fundação. Teve por legislador a Carondas de Catania, um dos primeiros que fizeram curvar a força ao raciocinio prohibindo aos cidadãos, sob pena de morte, comparecerem armados nas assembleas publicas.

No tempo dos romanos, Reggio perdeu alguma coisa da sua illustração, sem deixar por isso de ser uma cidade consideravel. Tendo soffrido no discurso dos seculos, e por muitas e diferentes causas, grandes destruições, não conserva um unico monumento. Um pedaço de muralha antiga, e duas bellas columnas de granito collocadas á porta da cathedral, é quanto lhe resta da passada grandeza. A belleza da sua posição resgata, porém, amplamente a fealdade da cidade moderna, e as esperanças frustradas dos archeologos.

G. A. M.

Oliver Goldsmith.

ESTUDO BIOGRAPHICO POR MACAULAY.

Continuação.

Em quanto a 4.ª edição do *Viajante* estava nas lojas dos livreiros, o vigario de Wakefield appareceu, e rapidamente adquiriu uma popularidade que tem conservado até hoje, e que provavelmente hade conservar em quanto existir a nossa lingua. O entrecho é sem duvida um dos mais mal alinhavados que tem apparecido, carece não só d'aquelle verosimilhança que

se espera encontrar n'uma narração da vida domestica ingleza, como tambem d'aquelle ordem logica que deve existir na mais phantastica ficção sobre bruchas, gigantes, ou fadas. Mas os primeiros capitulos tem todo o encanto da poesia bucolica e toda a vivacidade d'uma comedia. Moysés, e as grossas d'olucos, o vigario e a sua monogamia, o velhaco e a sua cosmogomania, o *Squire* prosando por Aristoteles são parentes; são parentes Olivia preparando-se para a ardua tarefa de converter o seu devasso amante estudando a controversia entre *Robinson Crusoe* e seu criado Sexta-Feira, as grandes fidalgas e seus contos de escandalo, sobre os amores de Sir Tomkins, e dos versos do Dr. Burdock, e Mr. Burehell com a sua eterna expressão de *fudge* (escarneo) tem causado tanta hilaridade como pode causar equal materia resumida em tão poucas paginas. O final não é digno da primeira parte. A proporção que nos aproximamos da catastrophe, os absurdos augmentam-se cada vez mais, e os rasgos espirituosos tornam-se cada vez menos frequentes.

O successo de Goldsmith como romancista levou-o a estreiar-se como dramaturgo. Produziu o *Goodnatured Man* peça que teve peor sorte do que merecia. Garrick recusou-se a fazel-a representar em *Drury Lane*. Representou-se depois em *Covent Garden* aonde foi acolhida friamente. O autor, comtudo, tirou com as noites de beneficio, e a renda da propriedade da comedia, nada menos de quinhentas libras, cinco vezes mais do que ganhou pelo *Viajante* e o *Vicar of Wakefield* juntamente. O enredo do *Goodnatured Man* como quasi todos de Goldsmith está mal esboçado, mas tem trechos de extravagante alacridade muito mais do que era compativel com o gosto d'aquelle epoca. Uma insipida, e sentimental peça intitulada *False Delicacy* tinha tido grande voga. O sentimentalismo estava em moda. Durante alguns annos as comedias faziam derramar mais lagrimas do que as tragedias e tudo quanto provocava mais do que um leve sorriso era considerado de mau gosto. Não admira, por tanto, que a melhor scena no *Goodnatured Man* na qual *Miss Riechland* encontra o seu amante seguido pelos officiaes de diligeneias em vestuario de corte, fosse assoviada sem dó, e supprimida desde a primeira noite.

Em 1770 appareceu a *Aldéa Deserta*. No estylo e metrificação este celebre poema é igual se não inferior ao *Viajante* e é preferido em geral ao *Viajante* por esse grande numero de leitores, que profes-



Regio.



Arco de Bara.



Cidade de Vicencia.

sam a mesma opinião do que Bayes no *Rehearsal*, que o fim de um enredo, é apresentar o maior numero de bonitas situações. Juizes mais penetrantes em quanto admiram a belleza dos elementos, condemnam um erro indesculpavel que predomina no todo. O erro a que nos referimos não é aquella theoria sobre a riqueza e o luxo que tem sido censurado por economistas politicos. A theoria é falsa, mas a poesia olhada meramente como poesia não perde nada por este motivo. O mais bello poema da lingua latina, não dizemos bem, o mais bello poema didactico que tem apparecido, foi escripto em defesa do mais absurdo, e mais trivial systema de philosophia natural ou moral. Um poeta pode ser perdoado se não souber logica, mas não se lhe pode perdoar o descrever mal, o observar negligentemente o mundo em que vive, que os seus retratos em nada se assimilhem aos originaes, e nos apresente como copias da vida uma combinação monstruosa de coisas que nunca se encontraram nem nunca se encontrarão no mesmo logar. O que se diria de um pintor que nos apresentasse o estio e o inverno na mesma paisagem, que introduzisse um rio gelado n'uma scena de ceifa? Seria uma defesa sufficiente para um tal quadro o dizer-se que tudo era de um colorido perfeito, que os verdes arbustos, as arvores carregadas de fructo, os campos juncados dos doirados feixes, e os ceifadores queimados do sol limpando o suor do rosto, eram de uma grande naturalidade, e que o gelo, e os rapazes que sobre elle corriam eram tambem cheios de encanto? Assimilha-se a *Aldéa abandonada* a um quadro assim. E' um composto de inconsequencias. A aldéa nos seus dias de prosperidade é verdadeiramente uma aldéa ingleza, no seu abandono uma aldéa da Irlanda. A felicidade, e a miseria que Goldsmith reune, são de dois diferentes paizes, de dois diferentes estados no progresso social. Elle decerto nunca vira na sua ilha natal um paraíso rural, um local de abundancia, contentamento, e tranquillidade que elle nos descreve. E seguramente nunca viu na Inglaterra os habitantes de um tal paraíso expulsos dos seus lares n'um só dia, e forçados a emigrarem para a America em chusma. Elle viu provavelmente a aldéa em Kent, a expulsão podel-hia ter visto em Munster. Mas a união d'estes dois factos produz uma coisa que nunca se viu nem nunca se hade ver em parte nenhuma do mundo.

Em 1773 Goldsmith fez uma tentativa em Covent Garden com uma comedia *The stoops to Congner*. O empresario com grande difficuldade foi induzido a levar esta peça á scena. A comedia sentimental ainda prevalecia. O *Goodnatured Man* era demasiadamente jocoso para agradar; mas o fructo do *Goodnatured Man*, era sobrio comparado com a graça fecunda de que estava cheia *The stoops to Congner* que é na verdade uma incomparavel farça em cinco actos. Mas d'esta vez o talento triumphou. A platea, camarotes e galerias estiveram n'uma continuação gargalhada. E se algum fanatico admirador de Kelly e Cumberland ousasse mostrar a sua desapprovação seria immediatamente reduzido ao silencio pelo grito geral de fóra, fóra. Duas gerações tem depois confirmado o juizo pronunciado n'aquella noite.

Em quanto Goldsmith escrevia o *Deserted Village* e *The stoops to Congner* estava tambem empenhado n'umas obras de mui diversa qualidade, obras que lhe não augmentavam a sua reputação mas que lhe davam muito lucro. Compoz para o uso dos collegios uma *Historia de Roma*, que lhe rendeu trezentas libras; uma *Historia de Inglaterra* pela qual fez seiscentas libras; uma *Historia da Grecia* porque recebeu duzentas e cincoenta libras, e uma *Historia Natural* pela qual os editores combinaram pagar oitocentos guineos. Reduzia estas obras sem grande trabalho, abreviando e traduzindo para a sua linguagem pura e eloquente o que se achava já escripto em livros mui conhecidos no mundo nas muito volumosas para creanças. Commetteu alguns erros extraordinarios, porque nada sabia competentemente. Na sua *Historia d'Inglaterra*, por exemplo, diz-nos que Naseby é em Yorkshire, e não emendou este erro quando foi reimpresso o livro. Foi quasi induzido a fazer na sua *Historia da Grecia* uma descripção d'uma batalha entre Alexandre o Magno e Montezuma. Na sua *Animated Nature* conta com toda a gravidade

e boa fé, todas as ficções mais absurdas que se encontram em algumas narrativas de viagens a respeito de gigantescos patagônios, macacos que pregam sermões, e roxinosos que repetem longas cantigas. Se elle distingue uma vacca de um cavallo, dizia Johnson, é a quanto chega a sua sciencia zoologica. Quão pouco Goldsmith estava habilitado a escrever sobre sciencias physicas está provado por estas duas anedotas. N'uma occasião negava que o sol se denorasse mais nos signos do norte, que nos signos do sul. Citaram em vão a autoridade de Maupertuis. «Maupertuis, exclamava elle, eu entendo melhor estes assumptos do que Maupertuis.» N'outra occasião em despeito da evidencia dos seus proprios sentidos, sustentou obstinadamente e até mesmo com acrimonia que mastigava movendo apenas a mandibula superior.

Porém ignorante como era, poucos autores tem contribuido tanto como Goldsmith a tornar facil e agradável os primeiros passos da infancia no arduo caminho do saber. As suas composições differem em extremo grau das dos ordinarios compiladores de livros. Não tem egual na arte de escolher e abreviar.

Debaixo d'este ponto de vista as suas historias de Roma e d'Inglaterra e ainda mais as suas abreviações d'estas mesmas historias merecem ser estudadas. Em geral não ha nada menos atractivo do que um compendio; mas os compendios de Goldsmith, mesmo os mais concisos, são sempre aprasiveis, e o ler-os para creanças intelligentes torna-se um prazer em vez de uma ardua tarefa.

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

A cidade de Vicencia.

Verona, Vicencia, e Padua, todas no territorio veneziano, formam quasi um triangulo, distando a segunda pouco mais de nove leguas da primeira, e oito da terceira.

Está edificada em uma pequena elevação, entre duas collinas mais altas, cuja verdura faz admiravel corôa aos seus monumentos. Banha-lhe os muros a ribeira *Bacchiglione*, que nasce nos Alpes tyrolezes.

Apezar de conter uma população de trinta e dois mil habitantes, não occupa grande espaço, porque as ruas em geral são estreitas e os edificios apinhados. Porém n'um espaço como esse poucas cidades apresentarão tantos edificios esplendidos, e tão variados especimenes de architectura.

Cada cidade d'Italia tem uma physionomia particular, que a distingue das outras suas irmãs. Vicencia sobresa e a todas pelo numero e riqueza dos seus palacios.

Parecerá incrível, que se dê este caso em uma cidade, como esta, de terceira ordem. Mas isto explica-se pela circumstancia de ter nascido e vivido em Vicencia o celebre architecto André Palladio. Este distincto artista, que foi o ultimo regulador do movimento classico da architectura, adquiriu, não só na Italia, mas em toda a Europa, tão grande nome pelo seu talento e bom gosto, que não houve familia alguma abastada na sua cidade natal, que não quizesse possuir qualquer producção de tão insigne architecto. As familias mais poderosas emcommendavam-lhe palacios construidos por elle desde os alicerces. As menos ricas contentavam-se em ornar as suas antigas residencias com uma fachada, que fosse obra de Palladio.

Por conseguinte não ha praça, nem rua de Vicencia, por mais insignificante, que sejam, que não ostentem bellas peças de architectura.

Vicencia é sede episcopal. Tem uma boa sé gothica, e varias egrejas magestosas. O palacio de justiça, chamado a *Basilica*, construido logo depois da invasão dos godos na Italia, e no seculo XVI reedificado por Palladio, que o adornou com uma magnifica frontaria, que passa pela sua melhor obra; o *theatro Olympico*, do mesmo autor; o *theatro Eremitio*; os palacios *Chiericato*, *Tiene*, e *Trissino*, e a galeria *Valmarana*, são os principaes edificios da cidade.

Consistem os seus estabelecimentos scientificos em um lyceu, dois gymnasios, e uma bibliotheca publica com uns trinta mil volumes.

Nos arrabaldes acla-se o cemiterio, o campo de

Marte, ao qual dá entrada um bello arco triumphal, o antigo palacio acastellado dos Montecchios, sobre um oiteiro, e sobre outro o seminario de Nossa Senhora do Monte, um dos mais celebrados santuarios de toda a Italia.

Vicencia foi patria de S. Gaetano, de Pellegrini, de Trissini, e outros homens illustres. Foi tomada pelos francezes em 1796 e em 1806. Distante de Veneza cinco leguas.

A estampa que acompanha este artigo mostra a principal praça de Vicencia. As duas columnas, que n'ella avultam, não commemoram successo algum particular. São monumentos que recordam a existencia e o poder da antiga republica de Veneza, pois que ambos estavam representados no leão e na estatua de S. Marcos. A estatua do santo patrono de Veneza ainda lá está sobre uma das columnas. A figura do leão, que symbolisava mais ao vivo o poderio da orgulhosa rainha do Adriatico, foi derrubada pelos exercitos francezes, quando ali entraram vencedores pela primeira vez.

As bases das columnas são octogonas, e guardadas de baixos-relevos.

No fundo da estampa, do lado esquerdo, vê-se a *Basilica*, ou palacio de justiça, acima citado. A sua nobre fachada é toda decorada de columnas, e coroada por uma balaustrada com estatuas. A elegante torre gothica, que ali se ergue a uma altura de oitenta e dois metros, pertence-lhe, e é o que resta intacto da antiga construcção dos godos. Chama-se a torre do relógio.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Arzeb. (.)

FABULA INDIANA.

Em Tchina-Patnam vivia um indio por nome Arzeb, que era conhecido entre os seus por suas extremadas virtudes. Verdade é que algumas vezes se esquivava de contar os grãos do seu *poitah*; mas notorio é tambem, que nunca a desgraça deixou de encontrar n'elle prompto soccorro.

Na hora derradeira teve Arzeb uma fraqueza: lastimou a brevidade da vida terrena e teve pezar de a deixar; bem que convencido que um bom logar lhe estava reservado no jardim de Mandana, que é visitado todos os dias por Indra o deus do firmamento.

A deusa Sursutea segunda esposa de Wichnou foi por elle invocada no leito d'agonia, e elle appareceu montada no seu tigre favorito, empunhando um ramo de mangueiro.

— Divina esposa do deus Azul, exclamou Arzeb, concede uma mercê ao mais fervoroso adorador das dez encarnações!

— Qual é pois a mercê que me pedes? perguntou a deusa.

— Prolonga a minha vida por mais dez annos.

— É impossivel, meu filho, respondeu Sursutea. Teus dias estão contados desde que nasceste, e deves morrer quando o primeiro raio de sol illumina o pagode de Williakarmia; e o alvor da madrugada começa já a aclarar o ceo.

— Concede-me dez dias, insistiu o ancião pondo as mãos.

— Só um te posso conceder, e isto porque o universo não se escandalisará com essa graça. Concede-te um dia, porque tens sido virtuoso e justo. No fim d'esse dia lembra-te de vires morrer aqui. E desapareceu.

Arzeb, que se sentia desfallecer, ergueu-se lentamente, lavou-se, preparou-se, e exclamou: eis que principia para mim uma nova vida; cuidemos em não a desperdicar. E começou a caminhar.

Poucos passos haveria dado quando encontrou um brahmane que lhe disse: — «Arzeb, se queres escrever a historia de Aureng, o famoso fundador do imperio Mahratta, dar-te-hei em recompensa um campo de verdeselha, uma magnifica habitação, com um bosque de palmeiras, e seis onças de ouro.»

— É bem curta a vida, para assim a malbaratar, empregando-a em escrever historias. Deixa-me passar.

(.) Extrahido da *Florida*, de Mery.

Mais avante encontrou um militar, que o interrompeu, dizendo-lhe: — «Arzeb, nesse victorioso imperador vae combater um regulo d'Elephanta; porque não empunhas tu o arco, e cinges o carcaz das flechas?»

— Que loucura, replicou-lhe o ancião, ir matar quem deve morrer! A fé que não serei eu um instrumento da morte. Adeus.

Um pae de familia acompanhado de nove filhos esveltos todos, e gentis, fez parar ainda Arzeb, fallando-lhe n'estes termos: — «Offereço-te, Arzeb, minha filha segunda em casamento, com o dote de dois elephantes.»

— Não me sobra o tempo para me casar; preciso orar ao deus Azul. Quanto aos teus elephantes, só me serviriam de estorvo, não é tão leve o fardo da vida para que se lhe addicione o peso de dois elephantes.

E continuou a caminhar.

Corrido o pae de familia com tão formal repulsa, desforrou-se em fazer um acceno injurioso a Arzeb, o qual consiste em assentar sobre a ponta do nariz a extremidade do dedo pollegar, movendo os outros quatro ao mesmo tempo.

Arzeb porém respondeu-lhe pacificamente: — «A vida é breve e eu não tenho tempo para me vingar.

Proseguindo na jornada foi ainda incommodado por outro homem, que dirigindo-se a elle, tomou a iniciativa nos seguintes termos: — «Sabio Arzeb, estás emprazado pelos brahmanes de Tchina-Patnam, para te encerrares quinze dias com elles, na sala negra, atim de descobrires a causa dos eclipses, e de sobre ella fazeres um livro.

— Os eclipses terão a causa que lhes approuver, o que pouco eu d'isto me dá; não quero encarcerar-me. Quando morrer terei tempo de sobejo para me entaipar entre quatro paredes. Aprox-me respirar o ar livre das montanhas, e contemplar o ceo satirico do celeste Indra.

— Mas... insistiu o brahmane, d'essa maneira, permanecerás ignorante toda a vida.

— Não acontecerá isso por muito tempo. Morro amanhã, e os outros depois.

Arzeb tinha perdido um bom quarto de hora a dar todas estas respostas, o que não lhe causava pouco pesar. Como o tempo é precioso! murmurava o ancião consigo mesmo. Cada instante é como uma perola sem preço que cae de minhas mãos ao fundo do rio Triplicam, e não me sobejam ellas para assim as extrair. E continuou a sua jornada caminhando precipitadamente pelas planícies de Tchouly, as quaes se estendem desde a ponte dos Armenios, nos arrabaldes de Tchina-Patnam, até os templos subterraneos de Elora.

Arzeb corria como corre um homem, que tem na idéa negocios ou prazeres; mas n'este momento nenhuma idéa lhe occupava o cerebro. Arzeb procurava um meio de gastar as perolas da sua curta vida, e não o encontrava.

Em tal preplexidade assentou-se para meditar, entre dois bosquesinhos de tulipas amarellas, e pouco tardou que não tivesse tambem de lastimar o tempo consagrado à sua meditação.

Continúa.

H. VAN-DEITERS.

Os dois bakales.

CONTTO MUSULMANO.

Continuação.

O porta-cimitarra encolerisou-se tambem agora, e Nadir teve de contel-o para que não fosse pedir ao sultão licença de cortar as orelhas ao atrevido bakale. Nadir conseguiu comprimir o delirio de seu iracundo companheiro, e afastaram-se em direcção ao Bezestein.

Caminhavam em silencio, um tratando de suffocar a sua ira, e o outro reflectindo nas palavras dos dois bakales, que lhe pareciam como uma dupla advertencia que pela bocca d'elles lhe dava o ceo.

Mas ai! depressa as esqueceu!

Quando Nadir entrou no Bezestein perdeu a memoria do que tinha ouvido, e unicamente pensava como poderia cumprir a sua promessa feita a Fatima com metade de uma moeda de oiro.

Os dois musulmanos não se demoraram um instante nas lojas onde brilhavam as armas e as pedrarias; mas chegaram com passo rapido à parte do vasto edificio reservada ás telas indias e ás sedas de mil côres.

— Escolhe, disse o porta-cimitarra a Nadir, entre as peças de *Haré-Diba*, a de que gostares mais.

— Eis uma superior, disse o amigo; mas... vale duas *bolsas*.

— Dá-me o valor de meia peça de oiro, e eu concluirei o negocio.

— Enlouqueceste! julgas que a comprarás por tal quantia?

— Dá-me o que te peço; não precisas mais para cumprir a promessa que fizeste a Fatima.

— Toma; mas se não te divertes com a minha credulidade, ou se não queres escarnecer do vendedor, serás tu o escarnecido.

Este arrazoado não deteve o porta-cimitarra.

Chegou-se ao mostrador onde estava a peça de *Haré-Diba*, e mandou cortar um pedaço da preciosa tela. O pedaço não tinha mais que dois palmos. O porta-cimitarra pagou-o, mandou embrulhar-o cuidadosamente, e foi ter com o official, que se havia retirado para que não o alcançassem as injurias ou as zombarias, que julgava deviam chover sobre o seu amigo. Este apresentou-lhe o embrulho, que levava, com ar triumphante.

— Que posso eu fazer com isto? perguntou Nadir.

— Cumprir a promessa que fizeste a Fatima.

— Não lhe prometti um pedaço de *Haré-Diba* tão pequeno, que apenas seja bastante para vestir um sagui.

— Prometteste-lhe o maior?

— Não; mas não poderá fazer uso d'este.

— Que te importa? Não faltas à tua palavra.

— O propheta me tire a idéa de faltar a ella, se tenho tal idea; pois obrando assim, quando as tres trombetas chamarem os homens ao juizo final, mereceria ir a pé até ao tribunal, em lugar d'ir, como os escolhidos, sobre um camello branco com azas.

— Contudo, se tens duvidas, podes ir levar ao mercador as duas *bolsas* que pede pela peça inteira.

— Não, não, respondeu, tens razão, estou convencido. Eu não prometti a Fatima gastar, por um capricho seu, duas *bolsas*... uma somma enorme. Prometti-lhe comprar de *Haré-Diba* o que fosse preciso para fazer um vestido; não disse se o vestido seria grande ou pequeno, e não é duvidoso que a minha intenção foi a de gastar n'esta compra o menos dinheiro possivel. Não posso dar mais do que o convencionado, mais do pedido; seria como um devedor que pagasse vinte vezes a mesma divida. Este poderia ser considerado com razão como um insensato... e Deus me defenda de obrar d'essa maneira.

Com este fluxo de palavras, Nadir abafou a voz da consciencia, e acabou crendo que o seu amigo lhe tinha dado um bom conselho. Todavia, como nem por isso deixava de tener as reconvenções, as lagrimas e a ira de Fatima, resolveu partir sem se despedir, e pediu ao porta-cimitarra que levasse o pedaço de tela a duas mulhereses de sua joven esposa.

Os desejos de Nadir foram cumpridos, e no dia seguinte poz-se a caminho com uma caravana de cincoenta camellos.

Andou viajando mais de dois annos, no fim dos quaes pensou em voltar a Stambul. O official tinha já desejos de ver a sua casa; mas não quiz voltar a ella sem ter visitado essa perola das cidades do Oriente, a que os musulmanos chamam Izmir e os christãos Smyrna.

Havia poucos dias que ali chegara, quando em seus passeios se encontrou com um homem, cujas vistas se cravaram n'elle. Os olhos d'este homem tinham alguma coisa de extraordinario, e por momentos pareciam dilatar-se desmesuradamente.

Nadir experimentou uma fascinação, á qual esperava subtrahir-se apressando o passo; mas o homem alcançou-o depressa.

— *Tutundjibusch*, disse elle, porque foges?

— E tu porque me segues?

— Porque tenho uma grande noticia a dar-te.

— Causar-me-ha alegria ou pena?

— Os successos, no campo da vida são o mesmo que as plantas na terra, que produzem fructos doces ou amargos; se não tens semeado más acções, tudo o que colheres será bom.

— Que noticia é essa?

— Dar-t'a-hei na hora em que o *muezzin* annuncia, do alto do seu minarete, que é chegado para os bons musulmanos o momento de recitar a sua terceira oração; é tambem a hora em que o grã-cadi manda dar pauladas nos *bakales* que o merecem... Ver-me-has aqui.

E o homem afastou-se saltando uma gargalhada, que deixou Nadir estupefacto. De repente veiu arrancar-o ás suas reflexões uma voz, cujo accento julgou reconhecer.

Continúa.

O amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SEBRA.

Continuação

SCENA II.

MARGARIDA, só; depois ADELAIDE.

MARGARIDA — Sempre severo, e desconfiado sempre! Ha homens que se comprazem com o soffrimento alheio, e este parece um d'elles. Mal sabe apreciar esses momentos prosperos que nos sorriem um minuto em cada dia, e uma hora em cada mez! Desconhece a felicidade e não sabe avaliar o amor! Se elle suspeitasse que a minha companheira d'infancia tinha vivido durante um anno n'um d'esses focos de perdição... se o soubesse... Pobre Adelaide! (*Adelaide apparece ao fundo e vem entrando lentamente*) Perdida, estendeste a mão á caridade publica; sem asylo, victima do abandono....

ADELAIDE — E victima do abandono, já sem fé e sem esperanza, apagou-se-me a luz da razão, e caí no abysmo.... E' essa a minha historia! Oh! porque não tive eu valor para morrer de frio e de fome... (*curvando-se diante de Margarida, soluçando*) Já me não sentia agora morrer de vergonha!

MARGARIDA — Lavam a culpa as lagrimas do remorso. Tens-me ao pé de ti... esquece nos braços de uma irmã o teu passado, pobre martyr! (*querendo abraçala*).

ADELAIDE — Não... não posso chegar estes meus labios a essas faces puras que não devem manchar.

MARGARIDA — Por piedade, cala-te; não me afflijas mais porque sei que me faltariam as forças para te poder escutar. Ainda podes ser feliz.

ADELAIDE (*amargamente*) — Feliz! tenho lá direito a ser feliz!... Orphã e perdida... que me resta no mundo?

MARGARIDA (*abraçando-a e beijando-a*) — A minha amizade.

ADELAIDE (*vaindo aos pés de Margarida*) — Perdão! perdão! (*Margarida quer levantar-a nos braços*) Fui ingrata esquecendo a minha protectora... fui! N'esse coração nobre e generoso tenho um auxilio, só falta um remedio ao remorso da minha culpa.

MARGARIDA — Esse allivio é o tempo que t'o hade trazer. Esperança e valor! (*mudando de tom*) Meu marido já reparou na tua tristeza; sabes como é desconfiado. E' preciso ter animo para esconder de todo os teus pezares... se meu marido suspeitasse...

ADELAIDE — Farei por occultar quanto puder a dôr que me consome. Devo-lhe tanto, minha protectora!...

MARGARIDA — Chama-me tua amiga; quero que me trates d'este modo. Porventura és tu culpada para mim? Não sei eu avaliar a desesperação que te levou a esse caminho?...

ADELAIDE — Oh! é boa de mais, minha amiga; sem pae, sem mãe, sem um parente sequer, é mu-

to para agradecer o interesse que toma por uma infeliz abandonada e esquecida por todos.

MARGARIDA — Não te lembras que minha tia... a nossa segunda mãe, não estabelecia diferença entre nós? Vamos, reanima-te, não quero ver-te assim triste.

ADELAIDE — A vontade do seu generoso coração é uma lei que se pode cumprir sem custo.

MARGARIDA (*beijando-a*) — Esperança e valor!

SCENA III.

AS MESMAS, JULIO DE MENEZES, E CESAR D'ALMEIDA.

JULIO (*chegando-se ás duas, á parte*) — Bello encontro! (*alto*) Minhas senhoras... (*comprimendo-as*) Madrugámos hoje... e não nos arrependemos. Nada há tão agradável como um bom passeio n'estas manhãs formosíssimas. Na visita que fizemos ás flores do seu jardim, tive a lembrança e tomei a liberdade de colher algumas das mais viçosas, e trazei-as a v. ex.^a Ficarão ainda em família! (*dando-lhe o ramo que traz*).

MARGARIDA (*tomando o ramo e fitando Julio meigamente, sorrindo com intenção*) — Agradeço-lhe a intenção, senhor Julio, mas não lhe aceito o madrigal.

JULIO — Porque, minha senhora?

MARGARIDA — Não vê que estamos no campo?

JULIO — Sempre incredula... Que é isso, meu caro Cesar, ficas ahí imóvel? Não se esquece da sua amiga, e não tem animo de lhe entregar as flores. (*chegando-se a Cesar, e tomando-lhe o ramo*) Dá cá, vou servir-te de medianeiro...

CESAR — Pois sim, allivia-me d'isso. Podia dizer-lhe muito, mas não lhe digo nada... Não tenho geito como tu de render finezas... receio cair no ridiculo, e os aduladores a todo o momento escorregam. Dize-lhe o que entenderes e deixa-me.

JULIO — Verás que te não deixo passar por falto de educação.

CESAR (*á parte*) — Não sou para estas coisas, não estou á minha vontade diante de mulheres, não sei lidar com ellas.

JULIO (*a Adelaide*) — Desculpe, minha senhora; mas aquella amiga é tão acanhado como o sexo amavel, que me pediu para lhe offerecer em seu nome estas florinhas colhidas na intenção de lhe traduzir uma lembrança. (*entrega-lhe o ramo*).

ADELAIDE (*com perturbação*) — E' demasiada bondade... eu porem... (*acceita o ramo*).

MARGARIDA (*atalhando logo*) — Adelaide não deixa de participar da timidez e do acanhamento do seu amigo. Apezar de serem nossos hospedes ha mais de cinco semanas, ainda se não familiarisou.

JULIO — E' mal feito, não lhe devia perdoar.

CESAR (*a Julio*) — Anda, vê se me entalás...

JULIO (*a Adelaide*) — Pois minha senhora, não tem razão de nos tratar assim com tanta cerimonia... é até pouco vulgar n'uma pessoa da sua classe...

ADELAIDE (*estremecendo*) — Santo Deus!

JULIO — Deve ser mais amavel; na sua idade e com a sua formosura, é uma tyrannia fugir de nós

ADELAIDE (*á parte, cada vez mais tremula*) — Matam-me estas palavras!

CESAR (*a Julio*) — Se continuas d'esse modo fujo d'aquí; a rapariga hade cuidar que te encomendei o sermão.

JULIO (*sem fazer caso*) — A alegria é um dos mais poderosos attractivos da juventude e da belleza.

CESAR (*agarrando Julio*) — Que demonio estás tu ahí a dizer?

JULIO (*a Adelaide*) — Peço-lhe a honra do seu braço para o meu amigo.

CESAR (*acotovelando-o*) — Elle é isso? Pois safo-me! (*vae para se voltar, mas Julio deita-lhe a mão ao braço*).

ADELAIDE (*á parte*) — Poderei ter valor para tanto?

MARGARIDA (*baixo a Adelaide*) — Aceita.

JULIO (*a Cesar*) — Alto lá, firme aqui! (*a ellas*) De vergonha ia-me voltando as costas... este caro Cesar sempre tem ratices...

CESAR (*rindo contrafeito*) — Ah! ah! ah! é muito espirituoso este Julio!

JULIO (*conduzindo-o ao pé da Adelaide*) — Va-

mos, dá-lhe o teu braço; depois de um passeio até áquella oliveira que lá está em baixo, persuadido-me que haõde ficar mais familiarisados.

CESAR (*á parte*) — Que empenho será este em me fazer dar um passeio á oliveira? Está decidido, não nasci para estas coisas, atrapalho-me todo, o coração parece que me salta fora do peito. (*offerece-lhe o braço com o rosto meio voltado*) Mi... mi... minha senhora!

JULIO (*rindo*) — Ah! ah! ah! que é isso, meu caro?

CESAR (*sorrindo*) — Não é nada... (*a elle, á parte*) tu m'as pagaras.

ADELAIDE (*á parte*) — Jesus me valha!

JULIO — Nada ha como um passeio no campo para estabelecer a intimidade. Vae, anda, Cesar. (*Elles partem adiante. Julio segue-os e fica por um instante ao fundo observando-os*). Continua.

Sem título.

Sentada triste á janella
Encostando a fronte á mão,
Apenas vejo o seu vulto
Através da escuridão;
E a mim mesmo então pergunto
Que pensa ali n'esse instante;

Idéas vagas ajunto
E os segredos e mystorios
Indago da minha amante.
Em accessos deletérios
Perdida a mente delira,
E morre a luz da razão.
Nem a brisa que suspira,
Nem a estrella que fulgura
Do ceo n'essa côr escura,
Vem fallar-me ao coração!
Ao meigo brihho luzente
Os segredos peço em vão.

A brisa vaga, indolente,
Subtil se vae na amplitude,
E ao brado que lhe arremesso
Nem um ecco faz sentir!

Ninguém ouve o que em vão peço
E não cesso de pedir!
Vejo-a ali por entre as sombras,
E de seus olhos a luz,
Não deixa ler na sua alma
Se este amor que n'ella puz.
Florece como eu desejo,
Se tem seu peito aquecido
Da chamma ao vivo lampejo
Como a que eu tenho sentido.
Nem uma voz ao meu lado
N'esta anciedade opprimido,
Vem dizer o pensamento,
Que o meu bem tem animado
N'aquella meditação!

Tel-o-ha todo entregado
A' minha louca afeição?
Talvez que vaga lembrança
Nem tenha no coração!
Seus pensamentos d'agora,
Oh! quem m'os dera saber;
Dava tudo a quem n'est' hora
Bem m'os pudesse dizer.

N'este anhelô delirante
De a ver tão meiga e singela,
Padeço e goso de a ver
Tendo entre as mãos o semblante!
Vae beijando a brisa a flor,
No ceo vae fugindo a estrella,
E o que pensa n'este instante
Ninguém diz do meu amor!

Se fosse o seu pensamento
O que me abraça, o que sinto
Dentro em mim n'este momento...
Era adoçar o amargor
Dos tragos de azedo absintho!...

Oh! se fosse... inteira a vida,
Por esse instante trocada
Eu trocara á prometida
Gloria d'amor sonhada.
Era um beijo nos seus labios
Onde tem o mel da flor!
Sorver n'elles a ventura

E perdido de loucura
A seus pés morrer d'amor!

FRANCISCO SERRA.

Elogio ao rapé.

Apollo, deus laureado, hoje te invoco,
E vós mimosas filhas do Parnaso,
P'ra cantar certa coisa que eu não troco
Por outras de que o mundo faz mais caso:
A tuba sonora alegre emboco,
Solto a voz, canto audaz, vae tudo raso,
Celebrando em meus versos o tabaco,
Que allivia paixões, esperta o caco.

Escutem-me os famosos tabaqueiros,
Que só usam de caixas avultadas,
E só encontram gosos verdadeiros
Entupindo o nariz com mil pitadas:
Aos que amam n'este mundo o rei dos cheiros,
São sómente estas rimas dedicadas,
Pois aquelles que fumam grossos talos
Não me haõde acreditar; porém deixal-os.

Pitada de rapé — do meio grosso —
E's prazer, alma e vida do nariz,
Quem contigo das ventas enche o fosso
De goso não estala por um triz;
Sabes bem ao jantar, ceia, e almoço,
Pois chegas dos miolos á raiz;
E uma dôr de enxameca, a mais activa,
Curas melhor do que agua sedativa.

Do que vale ao jantar ter farta a mesa
De piteos, que regalam a barriga,
Guisados exquisitos á franceza,
E vinho que não seja geropiga?
Do que vale o licor á sobremesa,
E a doce marmelada, minha amiga,
Se no fim da lambança, que regala,
A pitada não vem, que a penca abala?

O juiz, quando lavra uma sentença.
A caixa enorme e cheia tem ao lado,
E, fungando rapé com força immensa,
Consulta sabias leis, quer ser honrado;
Folheia *calhamagos*, scisma e pensa,
Té que por fim condemna o desgraçado;
Mas é justo — que idéas aclarou
Com as muitas pitadas, que fungou.

O astrónomo, medindo dos planetas,
Com sizuda attenção toda a grandeza;
E assombrando no mundo a mil patetas
Com a sua sciencia e esperteza;
Não lhe bastam os oc'los ou lunetas,
Ou engenho pasmoso na agudeza;
Precisa de pitadas a miudo,
Pois só assim no ceo elle vê tudo.

O poeta, que faz sonoros versos,
A caixa tem ao lado sempre prompta,
E, se quer pensamentos ter diversos,
Vae temando pitadas — e sem conta:
Já pingos no papel caem dispersos,
O seu estro ás espheras se remonta;
E vê como de Apollo bem se escusa,
Que a caixa do rapé é mais que a musa.

E' prazer do homem serio o bom tabaco,
Petisco do nariz dos padres velhos,
Animação que vem dar tom ao caco
Dos lettrados, que dão sabios conselhos;
E' o santo elixir com que eu ataco
Minhas *magoads cruéis*; e só fedelhos,
Que presam do charuto as vis fumaças,
Fulminam o rapé com mil chalaças.

Mas basta, minha musa tabaqueira,
Não prosigas teu canto deslavado;
O louvor do rapé, que tão bem cheira,
Precisa de um cantor mais afamado:
Põe-lhe um ponto final — basta de asneira —
Já é muito cantar desafinado:
Cala-te, e toma lá, ó musa amada,
Da minha grande caixa uma pitada,

J. I. D'ARAÚJO.